

Nome: Alfredo Ygel

Instituição: Grupo de Psicoanálisis de Tucumán-Institución de formación Psicoanalítica

Título: Castração, Violência, Laço Social

“Não envelhecerás!” Uma nova promessa nos chega dos meios de comunicação e das redes sociais. Os gurus da inteligência artificial (IA) preveem que, em poucos anos – mais precisamente dez –, será encontrada a medicina contra o envelhecimento, prometendo uma vida cada vez mais longa. Nesse sentido, podemos considerar as declarações de Ray Kurzweil, pesquisador principal do Google e especialista em IA, que afirma que, em 2032, para cada ano que vivermos, ganharemos um ano extra de expectativa de vida. O pressuposto da IA altera as variáveis do tempo: cada ano que passarmos subtrai anos de vida, mas, ao contrário, amplia a possibilidade de tempo de sobrevivência. Será isso a tão sonhada vida eterna?

Como não se deixar seduzir por essas previsões que invertem até mesmo o inevitável correr do tempo? A ciência, os impressionantes avanços tecnológicos e a revolução no desenvolvimento das redes por meio da internet e da IA, aliados ao sistema capitalista, nos oferecem a ilusão do desaparecimento da castração, da falta, e a possibilidade de atingir um gozo total. A promessa de evitar o envelhecimento e afastar a morte se ergue contra o real, que se faz presente, cada vez mais, na inevitável decadência do corpo.

“É preciso ser feliz”, “é preciso gozar” – essa é a fórmula que reina na cultura de hoje. O mal-estar contemporâneo nasce de uma promessa que não se realiza. Promove-se o consumo, mas é o sujeito que se consome, levando ao esgotamento do desejo. Nesse sentido, o capitalismo acaba mordendo a própria cauda.

Seguindo a tese de Lacan, afirmamos que o mercado nos oferece *letos* – objetos fabricados pelas fórmulas da ciência para tomar o lugar do objeto perdido. São como ventos que nos sugam, abrindo caminho ao gozo. Trata-se de objetos efêmeros que, ao serem adquiridos, já perdem valor, pois o próximo logo surge no horizonte. No discurso capitalista, todo objeto está fadado ao lixo, ao descarte. A mais-valia conquistada equivale à menos-valia do consumidor, que fica preso à pulsão pelo gozo.

Se o manejo dos restos da tecnologia é uma questão problemática quanto à sua eliminação ou reciclagem, o problema se estende aos seres humanos deixados como sobras do sistema: os pobres, os marginalizados, os migrantes, os excluídos do consumo. O discurso capitalista é singular ao romper os laços sociais, excluir as coisas do amor e fragmentar o social, promovendo um gozo autista.

A violência

Como pensar o fenômeno da violência, tão marcante no hoje de nossa cultura do mal-estar? Na ultramodernidade, a violência é um tributo ao discurso capitalista, que define o modo atual de laço social. Seja em suas formas sutis e manifestações psicológicas, seja em sua expressão física brutal, a violência surge como disruptiva do laço com o semelhante, como ruptura do laço social, como quebra do pacto com o Outro.

Vivemos hoje grandes transformações na estrutura dos coletivos sociais. A organização familiar tradicional, em que o pai detinha o poder sobre a família e reprimia a sexualidade, está se desfazendo. O declínio da função paterna acarreta a queda do saber e do poder do pai. Assim, instala-se o imperativo do gozo, fazendo com que a referência deixe de ser a neurose – fruto da repressão pulsional – e passe a ser a canalhice. O canalha vive fora da lei: maltrata o outro, o espezinha e tira a seu gozo. Com isso, rompe o laço com o outro e destrói o laço social. O discurso capitalista fomenta a canalhice ao tratar o outro como objeto de onde extrair gozo. Posiciona-se fora da lei e da relação com o semelhante. Sua lógica proclama que nada é impossível, que tudo é permitido, gerando, nessa dinâmica antissocial, uma violência generalizada e sem limites. É a busca por resultados imediatos, diretos, pela eliminação da diferença e pela multiplicação dos gozos autistas.

Quando o gozo deixa de ser impossível, a violência emerge como efeito no campo social. Compreendemos a violência como a ruptura do discurso que sustenta o laço social. É um horror que se mostra nu, desprovido das vestes do simbólico, atuando como polo de atração ao tornar presente o objeto que satisfaz toda necessidade. Assim, a violência se estabelece como uma forma de laço social, mas uma forma que devasta esses laços, sendoseu ponto de colapso.

Prevalecem, então, sentimentos de agressividade, inveja, ódio e racismo. Eles aparecem como uma reivindicação desesperada por um gozo que imaginamos roubado pelo outro. Supõe-se que o outro nos engane, mas é o objeto que acaba no lixo. A segregação do outro, do Outro, resulta da exigência de que todos gozem do mesmo, rejeitando as diferenças. O laço social carrega um elemento de exclusão íntima do estranho, do estrangeiro, daquele gozo que habita o cerne do próprio ser. Essa extimidade – o ódio ao gozo atribuído ao Outro – é a raiz do racismo e da segregação, pois imagina no Outro um gozo que nos priva do nosso.

A política da Psicanálise

Vivemos em um mundo marcado por guerras devastadoras e fraturas no laço social. De um lado, defendem-se valores como liberdade, direitos das minorias e a fraternidade entre os homens; de outro, proliferam o ódio a grupos étnicos, a rejeição ao estrangeiro, a exclusão, a segregação do diferente e o racismo. Nos próprios países, surgem divisões irreconciliáveis entre direita e esquerda, populistas e libertários. Habitamos um tempo de governos autoritários que desafiamos valores da democracia – o

sistema político que limita o gozo desenfreado do tirano ou do imperador. O Um instaura a figura de um amo único e ilimitado, imune à castração.

No mal-estar da cultura atual, em que o discurso capitalista exclui as coisas do amor para tentar aplacar a angústia com objetos de consumo, a Psicanálise segue vigente a colocar o sujeito e seu desejo no centro. O psicanalista existe para reafirmar o desejo que se apoia na falta, atento à exigência de gozo imposta pelo discurso capitalista. Em uma posição feminina, ele se oferece ao desejo, possibilitando o não-todo e barrando o fechamento totalitário. O desejo do analista abre caminho a um novo laço social, a um desejo inédito, a um sujeito que não mais persegue o impossível.

Diante do avanço da religião e da ciência, a Psicanálise está em desvantagem. Travando uma batalha perdida, ela aposta no sujeito do inconsciente e em seu ato singular com o objeto de seu desejo. Insistimos no laço com o semelhante, com o outro em sua diferença, na construção inacabada de um novo amor, capaz de suportar a falta no encontro com o outro. Nosso dever ético é reintroduzir a singularidade do sujeito do desejo na possibilidade de um laço com o outro em sua alteridade, aceitando o inassimilável de seu gozo. Seguindo Lacan, respondemos à agressividade e ao ódio com a possibilidade de uma fraternidade discreta, reconhecendo o que nos une no laço social e, ao mesmo tempo, nos separa irremediavelmente.

Trata-se de uma política do sintoma, que dá voz à palavra e promove um efeito de verdade, mas também de uma política do *sinthoma*, em que a análise abre a porta à criação – uma heresia que permite lidar com o que se tornou erro em seu nó, um fazer-se um nome além do que foi dado. Ao fim, a análise nos confronta com o irremediável, e é aí que o sujeito encontra uma margem para agir sobre o real. É uma invenção que permite suportar o impossível e fazer algo com o irreduzível que a existência nos apresenta. Envolve, por fim, um saber fazer com o gozo para a vida, um modo de gozar ligado ao corpo, alcançando o que Lacan chamou de “um viés prático para se sentir melhor”.

Referências bibliográficas

- Gerber, Daniel (2006). *El Psicoanálisis en el malestar en la cultura (A Psicanálise no mal-estar na cultura)*. Lazos Editorial. Buenos Aires, Argentina.
- Gerber, Daniel (2024). *Narcisismo, goce y Lazo social (Narcisismo, gozo e laço social)*. Ediciones Navarra. Cidade do México, México.
- Karothy, Rolando (2024). *El sinthome y la sublimación (O sinthoma e a sublimação)*. Editorial Lazos. Buenos Aires, Argentina.
- Freud, Sigmund (1973). *Lo perezado (O perecível)*. Obras Completas. Vol. II. Biblioteca Nueva. Madri.
- Ygel, Alfredo (2011). *Violencia, lazo social (Violência, laço social)*. II Congresso de Psicologia de Tucumán.